

O PAPEL DO BRINCAR NA CLÍNICA PSICANALÍTICA INFANTIL EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA FAMILIAR

SARTORI, Isabelly Cristiny

Palavras-chave: Violência. Criança. Brincar.

INTRODUÇÃO

A violência contra crianças e adolescentes caracteriza todo ato ou omissão praticada por pais, parentes ou responsáveis que pode causar dano físico, sexual e psicológico à vítima (Ferriani; Candido; Vieira, 2002). Esses atos também estão presentes dentro do âmbito familiar, e o presente artigo irá discorrer especificamente acerca da violência física intrafamiliar contra a criança.

Visto que a família é o primeiro contato social da criança e tem o papel de protegê-la, a violência desperta conflitos e emoções inconscientes, muitas vezes, impossíveis de serem compreendidas por ela. Em uma análise ela pode expressar essas emoções inconscientemente pelo jeito que conduz a brincadeira, agregando ao trabalho do psicólogo de observar, escutar e analisar a demanda.

O brincar é amplo, diversificado e subjetivo, ele reproduz o que se processa inconscientemente na criança, as fantasias e a forma que ela interpreta as situações ocorridas em sua volta. Uma das principais importâncias desse ato, envolvendo situações de agressão, é proporcionar um ambiente confiável para a vítima, diferente daquele que está inserida. Uma criança que tem muito a falar, vai expressar em diferentes modos.

OBJETIVO

Os objetivos do presente trabalho é analisar como o brincar contribui para a análise da demanda infantil sobre a violência familiar, assim como verificar a importância do método do brincar na clínica psicanalítica infantil e compreender como o brincar se torna significativo na análise de casos de violência contra a criança. Por fim, investigar se há diferenças acerca do brincar em análises de casos de crianças vítimas de violência física intrafamiliar.

MÉTODO

Para a realização deste trabalho, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa e revisão bibliográfica. A pesquisa foi feita por meio de produções, como artigos e livros, de pesquisadores contemporâneos que discutem acerca do tema em questão e que estão inseridos no meio psicanalítico. Foi utilizado também, livros dos principais autores psicanalíticos que discorriam sobre a clínica com crianças. Para análise do material, foi utilizado a análise descritiva.

DESENVOLVIMENTO

Melanie Klein fundou a técnica do brincar na análise com crianças pois acreditava que utilizar técnicas apropriadas extraia mais sobre os conflitos inconscientes da criança. Segundo a psicanalista, o ato de brincar é uma expressão simbólica da fantasia presente no inconsciente da criança. É possível observar na brincadeira as fantasias, os desejos, conflitos e suas vivências, além de analisar como a realidade externa está instalada em sua fantasia. Para ela, o brincar corresponde as associações livres que ocorrem nas análises com adultos.

Segundo Klein, em uma análise com criança “podemos chegar a experiências e fixações que no caso dos adultos só podem ser reconstituídas, enquanto nas crianças elas são representadas diretamente.” (Klein, 1926 p.160). Nesse ponto, as representações podem se dar por meio de atividades lúdicas, onde a fantasia remete ao jeito como a criança vivencia seus conflitos atuais e posteriores.

Para Winnicott (1971/1975), o brincar desenvolvia um ambiente lúdico para a criança, o que faria com que ela se sentisse mais à vontade para expressar suas angústias e conflitos. Além disso, poderia desenvolver na criança um sentimento de que o ambiente pode ser confiável. Em situações de violência intrafamiliar, desenvolver essa confiança seria valioso pois o ambiente em que cresceu foi invadido pela agressão.

Crianças que são vítimas de violência tendem a ter mais resistência de falar sobre o assunto, e o não falar é traumático pois não é elaborado palavras para o episódio. Em “Além do princípio do prazer”, Freud diz que a criança tende a repetir

episódios desagradáveis, levando ao caminho da atuação daquilo que não pode ser recordado e, no entanto, acaba naturalmente repetindo algo que não tem acesso no consciente.

Leitão e Cacciari (2017) conclui que

A cada repetição, portanto, surge a possibilidade de se elaborar o que não pôde ser rememorado e verbalizado, tornando esta outra linguagem, a atuação, uma via demasiadamente importante em uma análise. Para as crianças, a análise caminhará sobretudo por essa via, entre o repetir e o elaborar, praticamente “pulando” a etapa do recordar e tendo o brincar como o acting out mediador do processo.

O brincar se torna então significativo para elaborar um episódio traumático, servindo não somente como um caminho para a transferência entre paciente e psicólogo, mas também como o próprio processo terapêutico. Portanto, é uma ferramenta que visa um objetivo e expõem a verdade da criança, sendo, também, sua forma de linguagem.

A queixa de violência física contra a criança tem diversas maneiras de ser evidenciado nas brincadeiras em uma análise. O brincar de forma violenta pode ser uma representação da agressão que ela vive, assim como o brincar expressando cuidado/afeto pode representar o desejo de atenção e amor. O amor e o ódio, a demanda, o desejo, o medo e os significantes estão presentes nas atividades lúdicas.

O psicólogo, diante de uma premissa de um caso de violência a criança, pode manejar o brincar no decorrer das sessões. Levar jogos matemáticos, por exemplo, não vai ter tanta relevância nessa situação quanto levar bonecos que representem uma família. O profissional cria uma condição ambiental para convocar a relação parental à análise.

De toda forma, o tratamento psicológico é caracterizado por ser subjetivo, assim como as brincadeiras e o manejo que o profissional tem que ter com cada um. O brincar se torna significativo para o tratamento de crianças no geral, porém o profissional tende a deixar que a criança brinque pela via da associação livre, deixando que a criança escolha e conduza a brincadeira da forma como ela quiser. Já no caso de crianças vítimas de violência familiar, o papel do brincar se torna essencial para que o psicólogo consiga manejar a brincadeira afim de obter a denúncia ou auxiliar no processo da elaboração do trauma que a criança sofreu.

CONCLUSÃO

Diante do presente trabalho, é visto que o brincar é um recurso terapêutico válido para aplicação na clínica infantil, pois auxilia na criação de uma transferência entre psicólogo e paciente para formar um vínculo de confiança em que a criança possa expressar a sua angústia e frustração através do brincar. Além disso, ele colabora na elaboração de experiências desagradáveis que ficam resguardado no inconsciente, porém vivenciado nas repetições.

Contudo, esse recurso quando aplicado em crianças que sofrem violência intrafamiliar pode auxiliar nas resistências e a revelação dos fatos que ocorrem ou ocorreram, tal como em crianças que não são vítimas de violência. Entretanto, a partir do momento que o psicólogo intervém nas condições ambientais e manejo das brincadeiras, surge uma das diferenças que o papel do brincar tem na análise de casos de violência contra a criança.

REFERÊNCIAS

- FERRIANI, M. C.; CANDIDO, G. T.; VIEIRA, D. **Caracterização do centro de atendimento da criança e do adolescente vitimizados**. Acta Paul. Enf. 2002; 15(2):36-44.
- KLEIN, Melanie. **Princípios Psicológicos da Análise Infantil**- 1926. Contribuições à Psicanálise. Tradução Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1981. p. 160.
- LEITÃO, I. B.; CACCIARI, M. B. **A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível**. Estilos clin., São Paulo, v. 22, n. 1, jan./abr. 2017, 64-82.
- WINNICOTT, D. W. (1975). **O brincar: Uma exposição teórica**. Em D. W. Winnicott (Ed.), **O brincar e a realidade** (pp. 59-77). Rio de Janeiro, RJ: Imago editora. (Trabalho original publicado em 1971).